

(DES) CONSTRUÇÃO DO MUNDO GLOBAL

Fernando Santiago dos Santos (*)

Recentemente, li um artigo que me deixou profundamente angustiado. O artigo, intitulado “Sociedade de Risco”, fala que não há como se fomentar a conscientização ambiental em uma população que sofre socialmente. Em outras palavras, o autor diz que meio ambiente e exclusão social são incompatíveis: não pode haver preservação ambiental se não houver justiça social e condições dignas de vida.

Concordo plenamente com esta reflexão, e arrisco ir um pouco além: não há como construir um mundo global que destrói seu próprio ambiente. Isso é uma loucura total e um despropósito tão grande quanto a velocidade da tecnologia e da ciência atuais.

O discurso ambiental de hoje virou moda barata: ar-condicionado “ecológico”, asfalto “ecológico”, madeira “ecologicamente aprovada”. Em uma sopa incrível de neologismos que adentram o linguajar popular, o carro-chefe de muitas propagandas de produtos e serviços respalda-se naquilo que é “ecológico”. Questões globais mais urgentes, como a discussão acerca da redução da queima de combustíveis fósseis, Protocolo de Quioto e efeito estufa, por exemplo, parecem ficar em segundo plano, quase esquecidas. Enquanto isso, na onda imediatista da propaganda e do consumo, esbanja-se o pseudovocabulário ecológico, pretensamente contextualizado e totalmente destituído de sentido. É chique incluir, nas conversas das rodas sociais sofisticadas, assuntos ambientais da atualidade, como se os interlocutores fossem especialistas em ecologia ou analistas ambientais.

O discurso ambiental de hoje virou, também, trampolim para campanhas políticas e justificativa para isenção de impostos em grandes indústrias que, sob o pretexto da Lei de Incentivo à Cultura, patrocinam projetos “ambientais” nos quatro cantos da Terra. Muitos desses projetos, entretanto, não passam de uma fachada ecológica e politicamente correta: sob o olhar e os flashes das câmeras e dos fotógrafos, os projetos rendem manchetes, discursos e votos. Depois, são esquecidos na eterna poeira da história.

O discurso ambiental de hoje é, talvez, uma falácia socialmente aceita. Para reduzir o consumo de petróleo, fala-se no milagre do álcool (caro leitor, você já pensou que, para se plantar álcool, tem-se que desmatar áreas imensas de matas e outros biomas naturais? E o que fazer com a poluição causada pelo resto da cana cortada?). A tecnologia que tenta solucionar problemas “ambientais” é a mesma que trouxe danos ecológicos homéricos (lembra-se do CFC, aquele gás dos aerossóis e sprays, e seu impacto na camada de ozônio? E o que falar das invenções tecnologicamente revolucionárias do isopor e do plástico, responsáveis por impactos ambientais incomensuráveis nos rios, nos solos e nos oceanos?). As hortas ditas “orgânicas” despejam resíduos orgânicos em rios e lagos, diminuindo o oxigênio dissolvido na água e causando mortandade de peixes e outros seres vivos aquáticos, ocasionando o fenômeno da eutrofização, responsável pelo esgotamento de corpos d’água.

Fóruns mundiais, Agendas 21 e propostas de um mundo global sustentável são louváveis e devem continuar existindo. Mas, neste ponto, reflito com você, amigo leitor: como fomentar uma consciência ecológica em países, como o Brasil, que mantém milhões de miseráveis, sem eira nem beira? Como pregar o discurso ecológico entre pessoas que, na total ignorância e falta de perspectivas oriundas do ambiente hostil circundante, elegem para o Senado políticos que sofreram impeachment? Como tratar de questões ambientais em países altamente poluidores, como os EUA, que se recusam a aceitar resoluções mundiais de meio ambiente? O mundo global tenta se firmar, porém esta construção horizontal calca-se, mais e mais, na sua própria destruição. Tautologias e discursos vazios com certeza não reverterão este quadro.

(*) *Fernando Santiago dos Santos é doutorando em Educação na USP, biólogo e professor titular da Prefeitura Municipal de Cubatão, ministrando aulas de Ciências na E.M.E.F. “Dr. Ulysses Guimarães”.*